

## SIMPÓSIO AT116

### “DOIDO SOU EU QUE ESCUTO VOZES?” – AS VOZES DO TEXTO: UM ESTUDO ACERCA DA COCONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E DA REFERENCIAÇÃO NA CANÇÃO “AS CARAVANAS”, DE CHICO BUARQUE.

SILVA, Janayna Rocha da

UFF

rochajanayna1412@gmail.com

SILVA, Carla Prota Guimarães da

UFF

carlaprota@gmail.com

MONFORTE, Joyce S. dos Santos

UFF

joy-santos1@hotmail.com

## RESUMO

Ao se comunicar, o sujeito interage com o outro, representando linguisticamente uma visão social e particular de mundo. A questão é refletir sobre como ocorre essa relação entre o sujeito, a linguagem e o mundo, visto a subjetividade do sujeito, a heterogeneidade da linguagem e a dinamicidade do mundo. Diante do exposto, este estudo tem como **objetivo principal** analisar, pelo viés da *referenciação*, de que maneira o autor (sujeito social) construiu seus imaginários sociodiscursivos, em função de seus projetos de dizer. Buscaremos refletir sobre a realidade que é construída discursivamente, pelas escolhas lexicais do artista, na construção dos objetos de discurso que corporificam o texto. Para tanto, utilizaremos como **referencial teórico** os postulados da teoria *Semiolinguística* (Charaudeau, 2001), que concebe a produção de sentido sob três patamares: o semiolinguístico, o discursivo e o situacional, e os estudos sobre *referenciação*, conforme Mondada e Dubois (2016) Com relação à **metodologia de análise**, procederemos à análise textual-discursiva da canção, conforme o modelo de construção de sentido proposto por Charaudeau (2001), observando o movimento da *referenciação* na coconstrução de sentidos. Como **resultados**, espera-se contribuir com um ensino de língua e leitura mais significativo, capaz de formar cidadãos críticos e capazes de utilizar a leitura como instrumento de transformação social.

**Palavras-chaves:** Semiolinguística;  
Referenciação; Ensino.

Imaginários

Sociodiscursivos;

## ABSTRACT

During the communication the subject interacts with the other, representing linguistically a social and particular overview of the world. The question is to reflecting about how this relationship occurs between the subject, the language and the world considering the subjectivity of the subject, the heterogeneity of the language and the dynamism of the world. As such, the main objective of this study is to analyze, through the bias of reference, in which way the author (social subject) has constructed his/her sociodiscursive imaginaries, in function of his projects of saying. We will look forward to reflect the reality that is constructed discursively by the lexical choices of the artist in the construction of the objects of speech that embody the text. For this, we will utilize, as a theoretic reference the postulates of Semiolinguistic theory (Charaudeau, 2001), that concepts the production of meaning under three levels: the semiolinguistic, the discursive and the situational, and the studies of reference, according to Mondada e Dubois (2016). In relation to the methodology of analysis, we will proceed to analysis textual-discursive of the song, according to the model of sense construction developed by Charaudeau (2001), observing the movement of reference in the coconstruction of meaning. As results, we expect contribute with a meaningful language and reading teaching, capable of use the reading as a mean of social transformation.

**Key-words:** Semiolinguistic, Sociodiscursive Imaginaries; Reference and Teaching.

## Introdução

Neste trabalho buscamos refletir acerca dos mecanismos linguístico-discursivos mobilizados estrategicamente na construção de sentidos da canção *As Caravanas* de Chico Buarque. A escolha pelo gênero canção deve-se ao fato de que esse gênero textual costuma estar presente no cotidiano da maioria dos indivíduos, constituindo uma prática discursiva bastante fértil em produzir visões e representações de uma dada sociedade e de um dado momento histórico. Além disso, a obra buarquiana<sup>1</sup> é extremamente relevante no cenário artístico e cultural brasileiro.

Com vistas a evidenciar os sentidos suscitados pela canção, a partir dos postulados de Patrick Charaudeau (2001), no que concerne aos três níveis de produção de sentido, e da Teoria da Referenciação, de acordo com Mondada e

---

<sup>1</sup> Chico Buarque tornou-se o primeiro músico a conquistar o Prêmio Camões pelo conjunto de sua obra. O prêmio, maior distinção em literatura da escrita portuguesa, foi conferido ao artista em 21 de maio de 2019.

Dubois (2016), construiremos uma proposta de análise do texto, conforme apresentaremos adiante. Agora, vamos a uma “pitada” de teoria.

## **1. Um percurso da coconstrução de sentidos pelo viés da Semiologia**

A leitura como meio de interação exige, dentre outros fatores, a cooperação mútua de seus sujeitos sociais para a efetivação da troca comunicativa. Sendo, todavia, fruto de uma interação à distância, na qual autor e leitor, não estando na presença um do outro, não têm a possibilidade de desfazer equivocadas interpretações, exige das duas instâncias de produção do sentido (autor e leitor) a autonomia para relacionar aspectos linguísticos aos extralinguísticos a fim de atingir uma área comum de intercompreensão.

Nesse sentido, para que haja a efetiva interpretação textual, Charaudeau (2001) postula que a construção do sentido faz-se respeitando três níveis – o situacional, o discursivo e o semiológico – os quais exigem do leitor a ativação de três competências de linguagem correspondentes. Falaremos, brevemente, acerca desses três níveis.

Assim, nos processos de produção e interpretação de um texto, há um nível situacional, o qual diz respeito às circunstâncias de produção do mesmo, aos sujeitos sociais que interagem por meio dele, ao assunto que tratam e às intenções comunicativas. Para o alcance de tal nível, os sujeitos necessitam, portanto, da ativação de uma competência situacional cujo propósito é considerar todos esses fatores extralinguísticos para a delimitação de sentidos, lançando, assim, maneiras de dizer (e de interpretar), segundos os dados apontados por este nível.

Esses dados apontados pelo nível situacional projetam estratégias de discurso, que se fazem presentes no modo de tomada da palavra – elocutivo, aloutivo e delocutivo, na seleção do gênero e dos tipos textuais, nas referências intertextuais, intersemióticas e a valores e padrões partilhados sobre as coisas do mundo. Tais estratégias de discurso, por sua vez, se dão no nível discursivo da linguagem e requerem dos sujeitos a ativação dessa competência discursiva, que, no plano da leitura, equivale ao conhecimento amadurecido dos textos que

circulam em dada sociedade, da estrutura e objetivos do mesmo, da intertextualidade e dos imaginários sociodiscursivos que suscitam com base nas vivências partilhadas pelos sujeitos.

O alcance desses dois níveis anteriores não se faz de maneira insólita, pelo contrário, perpassa pelas pistas linguísticas deixadas pelo nível semiolinguístico, o qual considera os elementos linguísticos dentro de uma cadeia de significação partilhada pelos usuários da língua. Esse nível exige dos sujeitos à competência semiolinguística, cujo papel consiste não só em codificar e decodificar os fatos linguísticos, mas em saber usá-los e compreendê-los em meio ao seu contexto linguístico, estabelecendo, portanto, relações entre sentidos denotados e conotados.

É a partir deste último nível que os outros dois são construídos e, conseqüentemente, um sentido discursivo é atribuído ao texto. Pensando na atividade de interpretação textual, o nível semiolinguístico, com suas categorias de língua capazes de nomear e qualificar os seres, atribuir ações aos mesmos e relacioná-las num todo coerente e coeso, constrói um sentido de língua que aponta para diversos fatores extralinguísticos que ativam conhecimentos, (pre)conceitos, ideologias, que preenchem o texto de significados.

É, portanto, nessa competência semiolinguística que este estudo pretende ater-se, por meio da observação do processo de referenciação construído na canção. Assim, torna-se importante esclarecer que, neste trabalho, ocupamo-nos em relacionar os elementos suscitados pelos três níveis de construção de sentidos, explicitados acima, relacionando-os ao fenômeno da referenciação, partindo do seguinte pressuposto, conforme Charaudeau (2016, p. 20): “O mundo não é dado a princípio. Ele se faz através da estratégia humana da significação”.

Compreendemos o processo de referenciação como uma atividade discursiva, que cria o mundo através da linguagem, materializando um projeto de dizer ao mesmo tempo particular e coletivo, pois produzido por um sujeito inserido em determinado contexto social. Dessa forma, filiamo-nos aos postulados de Mondada e Dubois (2016) sobre os estudos em referenciação.

Nesse sentido, buscamos compreender como o sujeito cria e interpreta o mundo, como ocorre o vínculo entre as intencionalidades do sujeito comunicante, suas ideias, sua visão de mundo e as unidades languageiras que

compõem os textos, segundo os modos de dizer materializados pela encenação de um sujeito enunciador. Vamos, então, à análise.

## 2. “Doido sou eu que escuto vozes?” – Análise do *corpus*

A canção *As Caravanas*, de Chico Buarque, selecionada como *corpus* deste estudo, pertence ao CD *Caravanas* lançado em 2017 pela gravadora Biscoito Fino. Nela, o eu-lírico narra um dia de sol em Copacabana, bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro, quando surge um grupo de pessoas oriundas do subúrbio da cidade, para “curtir” um dia de praia. Vejamos a letra da canção:

É um dia de real grandeza, tudo azul  
Um mar turquesa à la Istambul  
Enchendo os olhos  
E um sol de torrar os miolos  
Quando pinta em Copacabana  
A caravana do Arará  
Do Caxangá, da Chatuba

A caravana do Irajá  
O comboio da Penha  
Não há barreira que retenha  
Esses estranhos  
Suburbanos tipo muçulmanos  
Do Jacarezinho  
A caminho do Jardim de Alá  
É o bicho, é o buchicho, é a charanga

Diz que malocam seus facões  
E adagas  
Em sungas estufadas e calções disformes  
Diz que eles têm picas enormes  
E seus sacos são granadas  
Lá das quebradas da Maré

Com negros torsos nus deixam  
Em polvorosa  
A gente ordeira e virtuosa que apela  
Pra polícia despachar de volta  
O populacho pra favela  
Ou pra Benguela, ou pra Guiné

Sol, a culpa deve ser do sol  
Que bate na moleira, o sol  
Que estoura as veias, o suor  
Que embaça os olhos e a razão  
E essa zoeira dentro da prisão  
Crioulos empilhados no porão  
De caravelas no alto mar

Tem que bater, tem que matar  
Engrossa a gritaria  
Filha do medo, a raiva é mãe da covardia  
Ou doido sou eu que escuto vozes  
Não há gente tão insana  
Nem caravana do Arará

Na letra da canção, é possível observar a voz enunciativa de um sujeito comunicante que, social e discursivamente, demonstra sua indignação e não-conformismo frente às mazelas sociais. Socialmente, o cantor e compositor é reconhecido por sua militância frente às injustiças sociais; e, discursivamente, por fornecer, em suas criações artísticas, um retrato dos acontecimentos sócio-históricos do Brasil.

O reconhecimento, por parte do leitor, da identidade desse sujeito comunicante, Chico Buarque, e do contexto sócio-histórico que permeia suas

produções é essencial para a interpretação do viés crítico levantado por ele na canção.

Como se pode ler na transcrição da canção, é criado nesta um enredo narrativo no qual os personagens representam duas classes sociais distintas: a classe média-alta moradora do bairro de Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro, e a parcela negra, moradora das comunidades situadas nas zonas norte e oeste da mesma cidade. Tais classes são identificadas por meio das escolhas lexicais do eu-lírico que, no contexto, funcionam como antônimas. Assim, tem-se os referentes: “gente ordeira e virtuosa”, para os moradores e frequentadores da praia de Copacabana, e “caravanas do Arará, do Caxangá, da Chatuba”, para os negros moradores de comunidades como estas que resolvem visitar tal praia em um dia de sol.

Todo protagonismo, na canção, é dedicado a estes últimos que são introduzidos logo na abertura da narrativa, após a descrição do espaço que ocupam. Tal espaço, é importante destacar, age como um elemento catafórico cuja referência é dada apenas na quarta estrofe, quando o público “detentor” do local – a tal “gente ordeira e virtuosa” – é revelado.

Assim, já na primeira estrofe, cria-se um cenário de oposições, uma vez que se tem a âncora “dia de real grandeza”, que autoriza o surgimento, no texto, da anáfora indireta “mar turquesa à la Istambul”, caracterizando que o “dia de real grandeza” a que o eu enunciador se refere trata-se de um dia deslumbrante próximo ao mar, quando surgem, então, as caravanas - marcadas textualmente pela nova âncora “A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba” - para desfrutar desse cenário paradisíaco. Essa oposição, no entanto, é realizada, à princípio, pelo sentido de língua desses vocábulos – o mar, que representa uma das maravilhas naturais, e as caravanas, que representa o grupo de viajantes vindos das comunidades citadas – e, posteriormente, pelo uso da conjunção “quando” que, apesar de introduzir uma informação de tempo, marca, sobretudo, a chegada da tensão e, conseqüentemente, a convergência entre esta e a calma e beleza deslumbrante do mar. Dessa forma, a canção desconstrói o mito da praia como um local democrático, haja vista que os corpos – que compõem as caravanas - não são vistos como passíveis de ocupar aquele local.



Ao longo da narrativa, a âncora “A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba” é retomada por outros objetos de discurso que vão recategorizando as caravanas, como vindas também dos bairros Irajá, Penha, Jacarezinho, além da correferencialidade recategorizadora com o termo “comboio” cujos integrantes são qualificados como “Suburbanos”, tão estranhos quanto muçulmanos, pessoas que escondem armas (facões e adagas) nas roupas, negros que deixam em polvorosa os moradores do local e que, portanto, devem ser interrompidos, controlados, pela polícia, cuja função é despachá-los para favela, para Benguela ou para Guiné.

Todos esses elementos linguísticos que fazem referência e caracterizam as caravanas corroboram para construir o cenário de desordem que transmite medo, raiva, preocupação à população local. Nesse viés, revelam, por meio da referência a seres e objetos do mundo – como aos negros africanos que, no passado, vieram em caravanas ao Brasil – que tais sentimentos são construídos por uma sociedade preconceituosa, cuja herança escravocrata vem marginalizando, no decorrer de sua história, a figura do negro.

As vozes ouvidas pelo eu-lírico - “Tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria” - e que incitam a violência fazem com que haja uma inserção desse eu-lírico – “Ou doido sou eu que escuto vozes?” – que, até então, se mantinha como observador dos fatos, mas que diante de tamanha desumanidade, questiona-se se existe “gente tão insana” ou se está enlouquecendo, ouvindo vozes.

Dessa maneira, a canção narra e denuncia uma situação de discriminação, preconceito que culmina não só na marginalização de toda uma classe como também nas injúrias verbais e físicas praticadas contra ela. Essa equivocada construção da imagem do negro suburbano, não é apenas fruto do imaginário sociodiscursivo das classes média/alta, mas também fruto de uma sociedade que, mesmo em meio aos séculos XXI, não se libertou de uma visão embaçada pelo “sol” do racismo, que prejudica o reconhecimento do semelhante e a tomada de uma atitude racional. A canção, portanto, é um manifesto buarquiano contra o racismo e a xenofobia praticados pela elite e classe média brasileira.

## Conclusões Finais

A análise da canção *As Caravanas* nos possibilitou identificar quais estratégias linguístico-discursivas foram utilizadas por Chico Buarque. A partir disso, podemos inferir o ponto de vista do artista que se mantém engajado socialmente não se furtando em trazer à tona temas como o racismo.

O interlocutor, ao entrar em contato com a obra buarquiana, precisa ser capaz de realizar uma leitura competente. Para isso, é necessário que ele ultrapasse o sentido de língua e alcance o sentido de discurso, sendo, então, capaz de reconhecer toda gama de referências presentes na obra.

Acreditamos que a língua deva ser trabalhada em sala de aula como uma prática social dotada de significados. Dessa forma, as aulas de língua portuguesa podem e devem ser realizadas a partir de um viés discursivo. As canções, enquanto objetos culturais, trazem, portanto, a possibilidade de o docente realizar um trabalho que evoque as três competências de leitura desenvolvidas por Charaudeau.

## Referências Bibliográficas

BUARQUE, Chico. **Caravanas**. Intérprete: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **De la competencia social de comunicación a las competencias discursivas**. Revista latinoamericana de estudios del discurso, v.1, 2001, editorial Latina, Venezuela, 2001.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. **Referenciação**. São Paulo, Contexto, 2016.